

PUEBLERINA / 1949 (*Um Filho Que Não Pedi*)

um filme de Emilio Fernández

Realização: Emilio Fernández / **Argumento:** Emilio Fernández e Mauricio Magdaleno / **Fotografia:** Gabriel Figueroa / **Direção Artística:** Manuel Fontanals / **Montagem:** Jorge Bustos / **Som:** James L. Fields, José B. Carles e Galdino Samperio / **Música:** Antonio Diaz Conde / **Intérpretes:** Columba Dominguez (Paloma), Roberto Cañedo (Aurelio Rodriguez), Ismael Pérez (Felipe), Luis Aceves Castañeda (Ramiro Gonzalez), Guillermo Cramer (Julio Gonzalez), Manuel Dondé (Rómulo), Arturo Soto Rangel (pároco), Rogélio Fernandez (Froylan), Agustin Fernandez (Tiburcio), Enriqueta Reza (dona Soledad); interpretações musicais: Hermanos Huesca, e as vozes do Trio Calaveras, Hector Gonzalez e Carmen Rayo.

Produção: Ultramar Films-Producciones Reforma (Oscar Dancigers e Jaime A. Menasce) / **Cópia:** da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35mm, preto e branco, legendada em português, 107 minutos / **Estreia Mundial:** Cinema Alameda, Ciudad de Mexico, em 17 de Julho de 1949 / **Estreia em Portugal:** Olímpia, em 14 de Dezembro de 1953.

Juntamente com esta "folha", distribuimos o *facsimile* do texto da palestra que Mário Bonito escreveu sobre o filme, por ocasião da sua exibição no Cineclub de Espinho em 7 de novembro de 1956, e que foi reprovado pela censura.

Sessão com apresentação

A partir de **Enamorada** Emilio Fernández parece ter perdido o inteiro controle dos seus filmes e a inspiração que animava as suas primeiras obras, em particular o admirável **Bugambilia**, que parece ser mesmo a sua obra-prima. Um dos exemplos desse progressivo "alheamento" já o vimos. Trata-se de **Victimas del Pecado**, interessante, sim, mas como "paródia" (tão intencional, com os exageros de que está recheado, como o era, por exemplo, o **La Hija del Engaño** de Luis Buñuel) a um género, o melodrama. De facto, se todos os filmes de Fernández exploram muitos temas que abundam naquele género, eles têm características próprias que pertencem a outro "subgénero" mexicano, o drama rural, partindo de situações extremas de exploração dos "peones", da sua humilhação e revolta, que pode ser individual ou dentro do quadro da revolução. **Flor Silvestre** foi um exemplo do segundo caso na filmografia de Fernández. **Pueblerina** é testemunha do primeiro. Contudo não o é já de forma muito convincente. Há um certo esvaziamento nascido de um uso e abuso de formas estéticas refinadas que **Enamorada** parece ter esgotado e que consiste num "embelezamento" artificial da miséria e das terras desoladas e áridas, com os céus rasgados pelos cactos gigantes e os sombreros dos cavaleiros. E não se diga que a "responsabilidade" será de Figueroa, porque o mesmo director de fotografia faz pouco depois **Los Olvidados** de Buñuel que, neste aspecto, é quase um "anti"-Fernández. O problema do autor de **Bugambilia** é a repetição de uma fórmula para lá da sua exaustão. Aliás o começo de **Pueblerina** é exemplar disso. A viagem de Aurélio da prisão à sua terra natal é toda filmada

em langorosos ocasos, com a luz do sol escondido destacando o recorte dos montes, das árvores e do homem que atravessa a paisagem.

Mas este progressivo “apagamento” que se detecta a partir de **Pueblerina** na obra de “El Índio” tem outras causas que radicam no que temos vindo a referir sobre a perda de controle dos filmes que, por sua vez, resulta de uma perda de confiança dos produtores face ao êxito “minguado” dos últimos filmes. A partir de aqui há também outro factor importante: os intérpretes, em particular as atrizes que são uma peça chave nos seus filmes. Sem a vigorosa e sensual presença de Maria Felix, ou a imagem carismática de Dolores Del Rio muito se perde nos seus filmes (Fernández bem tentou recuperar a imagem da primeira através de Rossana Podestá em **La Red**, o seu melhor filme dos anos 50). **Pueblerina** sofre bastante da ausência de “figuras” fortes. O ar sofredor de um Cristo maltratado de Roberto Cañedo (que se tornou vedeta com este filme e foi um Raskolnikoff mexicano numa versão de **Crime e Castigo**) não se coaduna com a personagem de Aurélio que precisava mais do corpo de Pedro Armendariz (mas o actor andava, por este tempo, trabalhando em Hollywood com John Ford). Quanto a Columba Dominguez, a sua Paloma quase se esbate na paisagem sem que o espectador dê conta dela. Ora é nesta personagem que se encontra o escolho maior de **Pueblerina** (apesar de a ela caber uma das mais bonitas cenas do filme: aquela em que se dirige para junto de Aurélio no rio e, silenciosamente, começa a lavar-lhe a roupa), porque na obra de Fernández as personagens femininas são geralmente “activas”, mesmo quando aparentemente submissas (a Dolores Del Rio de **Bugambilia**), com uma energia que contribui decisivamente para a solução do conflito, e de que é paradigma a Maria Felix na sua “trilogia” (**Enamorada, Maclovía, Río Escondido**).

De qualquer modo Fernández não se saiu mal no resultado final. Pode mesmo dizer-se que também no seu caso o apertar dos cordões à bolsa terá sido benéfico, levando o realizador a privilegiar um certo realismo contra o esteticismo elaborado que contribuía para o encarecimento dos filmes anteriores. Apesar dos limites atrás apontados o conflito de **Pueblerina** é mais credível do que nos frescos romanescos que antes encenara, e Aurélio tem uma maior densidade humana do que outros personagens de Fernández com que tem afinidades, em particular o Pedro Armendariz de **Flor Silvestre**. Como ele, Aurélio é um homem “com passado” que apenas procura viver e trabalhar em paz, trabalhar a terra, a sua riqueza, e criar a família, aquilo em que crê, e para que se fez a revolução (e a reforma agrária de Lázaro Cárdenas). E os vilões, Ramiro e Julio, representam o “ressentimento” de uma classe feudal que perdeu privilégios com a revolução. A economia narrativa a que Fernández terá sido compelido resulta aqui bastante eficaz, em particular na encenação do duelo final, filmado em magníficos planos gerais com os cavaleiros avançando um contra o outro, reproduzindo, agora de forma letal, o desafio da facas durante a festa.

Mesmo dentro dos referidos limites **Pueblerina** é ainda um excelente exemplo do saber de Emilio Fernández.

Manuel Cintra Ferreira

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico